

ENTERROS EM URNAS DOS TUPI-GUARANI

José Vicente César

(Instituto "Anthropos do Brasil", São Paulo)

Introdução

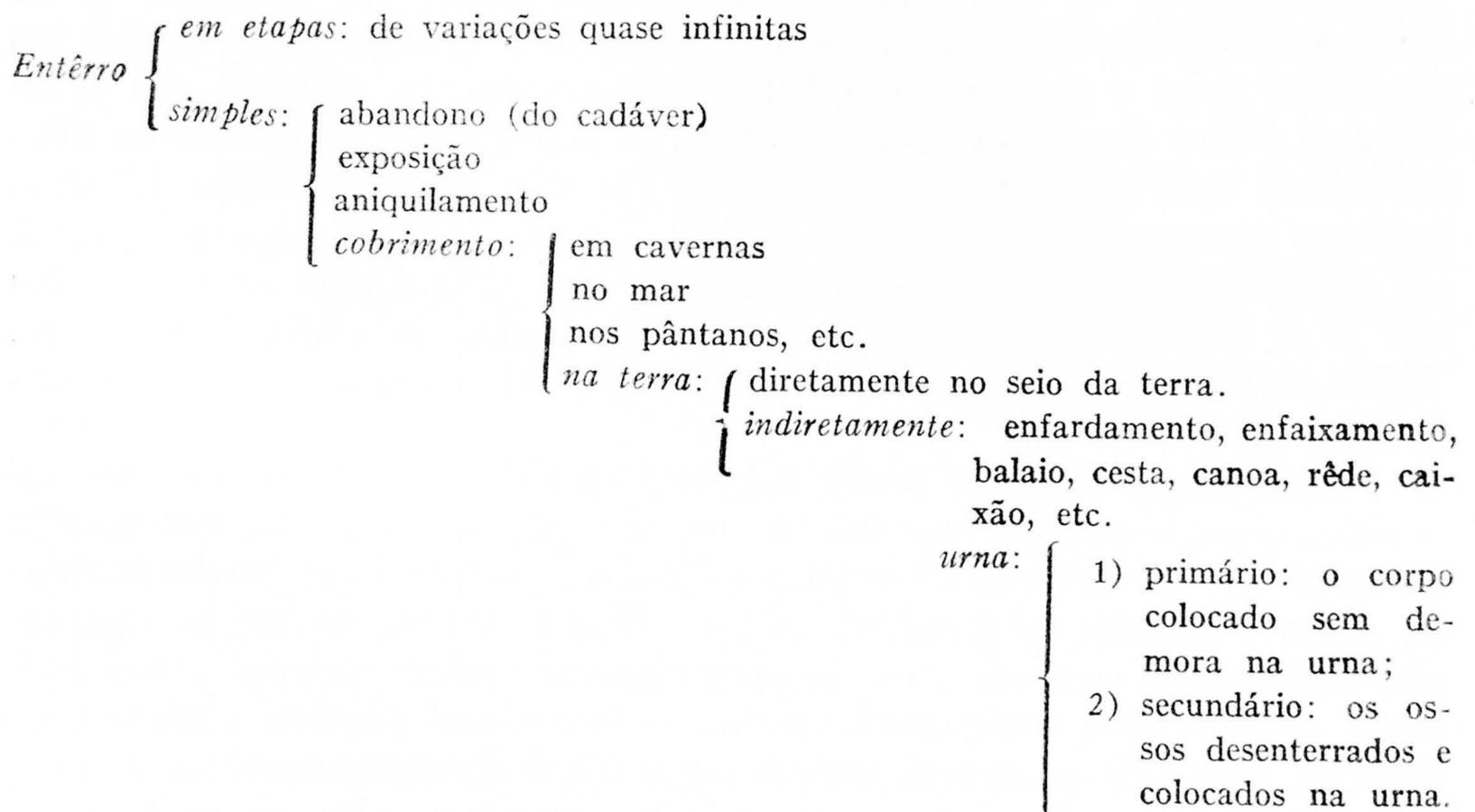
O presente trabalho constitui resumo de nossa tese de doutoramento, que ora se encontra no prelo para ser publicada sob o título alemão "Die Urnenbestattung bei den Tupi-Guarani", apresentada na Universidade de Friburgo da Suíça. Nossa pesquisa em seu texto íntegro procura dar um apanhado geral e o mais completo possível sobre os enterros em urnas entre os índios da grande família lingüística tupi-guarani, buscando ao mesmo tempo uma resposta às perguntas: 1) se existem certos tipos de urnas próprios destes povos; 2) até que ponto os sepultamentos em urnas podem ser considerados típicos ou característicos da cultura tupi-guarani. Com isto já se dão as três partes principais da pesquisa: A. AS FONTES; B. TIPOLOGIA DAS URNAS; C. PROBLEMAS HISTÓRICO-CULTURAIS.

Entre quase todos os povos o complexo cultural relativo aos ritos funerários e aos sepultamentos dos mortos se torna uma resposta consoladora e confortante ao implacável desafio da morte. Respeito aos povos-naturais ou assim chamados "primitivos", porém, onde os grupos sociais se apresentam comumente menores e os recursos tanto de ordem material como espiritual notoriamente minguados, assume o cerimonial fúnebre caráter todo especial, pois nêle se deverá concentrar o desabafo compensatório de indivíduos para os quais a pessoa do defunto significava algo de muito perto nos afazeres e lutas de cada dia. Considerando então os íntimos laços de sangue e parentesco pelos quais se organizavam as tribos tupi-guaranis em extensos grupos coletivos de "grandes-famílias", logo se percebe a importância que haveriam de dar ao sepultamento de seus falecidos tão estreitamente unidos a todos os membros da grande comunidade familiar. Para êles consistem as práticas mortuárias não só em preparar o cadáver ou preservá-lo do contacto direto da terra, mas também, e talvez muito mais, em protegê-lo contra maus espíritos, em precaver-se contra um possível retorno ao mundo dos vivos ou mesmo em facilitar-lhe a longa viagem de além-túmulo.

Como qualquer outra instituição, representam os ritos funerários certo aspecto da cultura de um povo, recebendo da sociedade formas sanciona-

das pela tradição. Sobretudo entre os povos-naturais mostra-se o complexo do enterramento referido de elementos etnológicos muito significativos, nomeadamente no que concerne à religião, sociologia e ao sistema económico. De acentuada importância é o fator emocional em torno da morte e do sepultamento, que assume frequentemente atitudes ambivalentes, ora conagraçamento, piedade e consideração, ora medo e horror. Daí em parte a instabilidade dos ritos fúnebres, especialmente entre povos primitivos como os Tupi-Guarani, dados a grandes movimentos migratórios e incursões guerreiras que nem sempre propiciam desenvolvimento mais tranqüilo e aperfeiçoado do culto dos mortos.

Sumamente difícil é encontrar um critério que possa enquadrar e classificar tôdas as formas de sepultamento. Para clareza de terminologia resolveu-se adotar o seguinte esquema, que em parte se apóia num trabalho de Waldemar Stöhr (1959: 6ss.):



Autores há que falam tão só de enterros diretos e indiretos, significando com isso os primários e secundários em urnas. Encontram-se também outras expressões como 'temporária', 'mista', 'combinada', 'intermediária', 'parcial'.

O enterramento em urnas não foi a única maneira de sepultar dos Tupi-Guarani, nem mesmo a mais usada por êles desde que entraram em contacto com os europeus. Aliás o próprio etnônimo Tupi-Guarani é por si mesmo vago e impreciso. Por Tupi-Guarani entendam-se aqui de maneira geral tôdas as tribos indígenas sul-americanas que lingüísticamente podem ser arroladas no grande tronco tupi. Como base de classificação tomamos os trabalhos de Aryon Dall'Igna Rodrigues (1964), publicados agora também em português. Em vista das muitas dificuldades em se determinar uma área cultural como própria dêsses silvícolas, optou-se tomar como

ponto de partida do atual trabalho, designar um espaço geográfico que valha como região de expansão máxima dêles mesmos ou de sua cultura, quer nos tempos antes quer nos após da descoberta da América. São as três bacias fluviais do Amazonas, Paraná e São Francisco, abrangendo politicamente os atuais territórios do Brasil, Uruguai, Paraguai, Nordeste Argentino, quase toda a Bolívia e ainda pequenas porções do Peru, da Venezuela, da Colômbia e das Guianas.

Sobre este tipo de sepultamento dos Tupi-Guarani não nos consta haver algum trabalho especializado, embora o tema já tenha sido abordado por alguns autores como Preuss (1894), Boman (1908), Tôrres (1911), Schmidt (1913), Latcham (1915), Métraux (1928), Bullock (1955) e mais recentemente Boglár (1958 e 1959). Nenhum dêles, porém, pôde ter em mãos um considerável número de fontes em seus textos originais, nem se tomou na devida consideração a distinção entre os dados arqueológicos e as fontes escritas dos cronistas e autores recentes; noutras palavras, a crítica das fontes e material disponível constituiu sempre o ponto fraco das pesquisas. Tentando remediar esta falha, dividimos a primeira parte de nosso trabalho em três capítulos: I. Dados arqueológicos; II. Os cronistas; III. Os autores recentes.

A. AS FONTES

I. Dados arqueológicos

Os achados de urnas funerárias nos sambaquis e na região do Baixo Amazonas mereceram consideração especial, já que o contacto com os restos ou vestígios das culturas que por aí passaram poderia ter influenciado o modo de enterramento dos Tupi-Guarani. Tocamos apenas pela rama no problema da origem e da idade dos sambaquis, porquanto o interesse imediato do trabalho visa antes de tudo às urnas nêles encontradas. Estas se contam bastante numerosas sobretudo na costa meridional do Brasil: São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nos sambaquis do interior (Mato Grosso, Chaco, Baixo e Médio Paraná) houve também vários casos, mas de modo geral apresentam-se os relatórios sobre urnas funerárias dos sambaquis muito lacunosos, tornando-se impossível determinar a que grupos de povos pertencem. Tudo leva a crer que os construtores dos sambaquis não conheciam os enterramentos em urnas; as poucas aí descobertas se achavam quase à flor das camadas mais recentes, devendo pois ser atribuídas a populações que aí se estabeleceram posteriormente, sobretudo os Tupi-Guarani. Não consta, entretanto, que as culturas dos sambaquis tenham exercido alguma influência nos costumes funerários dos Tupi-Guarani, que, ao alcançar a faixa litorânea, só deram provavelmente com os montões de conchas abandonados pelos representantes daquelas antigas culturas.

Por culturas do Amazonas entendam-se aquelas populações do Baixo Amazonas que ali permaneceram até pouco antes do descobrimento da América, ocasião em que já se encontravam em plena decadência e vias de desaparecimento. As evidências arqueológicas não deixam dúvida de que o culto dos mortos ocupava lugar de destaque na vida daqueles povos. Os sepultamentos secundários em urnas foram largamente praticados principalmente na região do Baixo Amazonas. Havia inclusive casos de urnas duplas, isto é, uma ou duas dentro de outra maior. Quanto à forma e decoração, dominam os modelos de figuras antropomorfas e zoomorfas, portanto bem diferentes das tupi-guarani. Os tesos ou aterros foram levantados para servir de cemitérios com finalidade bem definida, em oposição aos sambaquis, que parecem mais casuais monturos de "restos de cozinha".

A seguir examinamos os casos arqueológicos de urnas funerárias desenterradas dentro da área de irradiação tupi-guarani, conforme ficou explicado mais acima: ao norte, na Bacia Amazônica, os Arupaí, Curuaia, Iuruna, Tucuniapé e Xipaia com sepultamentos secundários; também os Maué entre o Xingu e o Tapajós, nas proximidades da cidade de Maués. As informações são, porém, precárias, colhidas do *Handbook of South American Indians* (III: 216, 217). Para a zona do Rio Mamoré na Bolívia dispomos de informações mais minuciosas, fornecidas por Nordenskiöld (1913), que lá desenterrou e estudou igaçabas de origem chané e chiriguana.

Na Bacia do Paraná são os achados e informes mais abundantes e precisos, porque também constituiu esta região o grande centro de irradiação dos Guarani. Trata-se em grande parte de material colhido e estudado por especialistas com preparo para tais pesquisas. Entre outros merecem citação Francisco Aparício, Antônio Serrano, F. C. Mayntzhusen, Eric Boman, Couto de Magalhães, Oldemar Blasi, Carlos Nehring, Bente B. Simons e outros.

Na Bacia do Rio São Francisco mingnam por completo as informações sobre urnas tupi-guarani. As poucas encontradas foram estudadas por Carlos F. Ott (1944 e 1958) que, todavia, nada pôde concluir a respeito de suas origens. Terminando este capítulo, mencionam-se também diversos casos de outras urnas funerárias que não são de origem tupi-guarani, mas que foram inventariadas na área de sua expansão máxima. Intenta-se com isso mostrar como este tipo de sepultamento se encontra muito difundido na América do Sul, onde deve ter sido praticado intensamente desde tempos os mais remotos e por populações as mais diversas.

II. Os cronistas

Não é mister realçar a importância do testemunho dos cronistas dos primeiros séculos da descoberta do Novo Mundo referentes aos costumes funerários dos Tupi-Guarani, pois que se trata em parte de observadores oculares que entraram em contacto com o indígena antes que êle tivesse

sofrido os influxos dos contactos com europeus. Além disso escritores etnógrafos dos séculos XVI e XVII, pessoas fidedignas, procedentes de nações diversas e de variada formação espiritual: clérigos, religiosos de várias ordens, protestantes, escrivães, oficiais e soldados.

Segundo os padres Cardim, Montoya, Thevet, Simão de Vasconcellos e um autor jesuíta anônimo de fins do século XVI, foi o sepultamento primário em urnas costume de muitos grupos tupi-guaranis do Brasil e do Paraguai. Em Simão de Vasconcellos damos com o vocábulo 'igaçaba' para designar o vaso de barro em que o morto era enterrado: "Uns o enterram em um vaso de barro, que chamam igaçaba..." (Vasconcellos 1865: LXXXIII). A etimologia da palavra igaçaba já foi estudada (César 1954). É nome da língua tupi significando originariamente vaso para conter água ou qualquer outra sorte de líquidos. Vem de *yg* (i gutural), que quer dizer líquido, água, rio, mar, etc. mais o participio (*a*)çaba = receptor (continens), o que contém, etc. Entre os americanistas vai-se aceitando sempre mais o termo igaçaba como sinônimo de urna funerária dos Tupi-Guarani.

Segundo Soares de Sousa e Frei Salvador somente os filhos jovens dos Tupinambá da Bahia eram colocados em igaçabas. Entre as tribos tupi do Amazonas dão-se enterros primários e secundários, o mesmo acontecendo com outros grupos não-tupi daquela região. Restam todavia muitos e muitos cronistas, como Anchieta, Claude d'Abbeville, Yves d'Evreux, Jean de Léry, Nóbrega, Navarro e Vieira, que nada mencionam deste costume entre os índios. Nem mesmo o arcabuzeiro germânico que passou 9 meses prisioneiro dos Tupinambá de Ubatuba, viu algum sepultamento em urnas. Vê-se, pois, que os relatórios dos cronistas, por terem sido escritos em épocas diferentes e por abrangerem regiões muito distantes umas das outras, devem ser interpretados com muitas reservas.

III. Os autores recentes

O costume das urnas funerárias deve ter sido nos tempos pré-colombianos muito difundido em toda a América tropical tanto ao norte como ao sul do Equador. Mas entre algumas tribos tupi-guarani e outros povos seus vizinhos, permaneceu a praxe até o presente século, como o atestam os etnógrafos do século passado e atual. Neste capítulo já se deve estabelecer claramente a distinção entre enterramentos primários e secundários.

1. Enterros primários em tribos tupi-guaranis

Os testemunhos de Günter Tessmann (1930: 727) sobre os Cocamilla e de Métraux (Handbook, III: 700) sobre os Cocama parecem apoiar-se nos relatos dos cronistas. Coisa semelhante seja dita com respeito aos Omagua que ainda recentemente metiam um dos gêmeos num vaso de argila, abandonando-o no rio (Hopp 1958: 136).

Os Wayoro do Mato Grosso bem como os Guarayu e Pauserna do Chaco Boliviano praticavam também enterros primários em urnas. Dos Chané e Chiriguano é certo que enterravam seus mortos em igaçabas até começos dêste século. Quanto aos Tupiniquim da costa meridional brasileira, não se sabe até quando conservaram êste costume.

Para os Guarani e Caiuá há diversos depoimentos e vestígios de que tenham conservado o uso até há pouco, mas atualmente não o fazem mais (Schaden 1954: 155).

2. Enterros secundários

Os Mundurucu e Curuaia conheciam apenas o entêrro secundário das cinzas dos homens de alta posição, depois de o esqueleto ter sido desenterrado (Hopp 1958: 105). Os Oiampi junto ao Rio Oiapoque praticavam sepultamentos secundários em urnas até fins do século passado (vide revista *Globus*, XL (1881: 17). Os Aicauá limitam a praxe aos filhos de caciques: os ossos são desenterrados depois de três meses, queimados, e as cinzas depositadas em uma panela com desenhos lineares. Ajunta a etnóloga Becker-Donner (1955: 281) ao dar esta informação, que tal prática deveria impedir que os filhos seguintes do cacique viessem a morrer.

A contribuição dos autores recentes é evidentemente pequena. Tudo bem pesado e deixados de lado os dados da arqueologia, restam apenas 5 grupos novos que praticavam ou ainda praticam sepultamentos em urnas: Aicauá, Caiuá, Pauserna, Tupiniquim (?) e Wayoro.

Como no capítulo anterior dos dados arqueológicos, cumpre notar que dentro e fora da área de expansão tupi-guarani há muitos casos de enterramentos primários e secundários de povos não tupi-guaranis. Verbi gratia, na ilha Aruba perto da Venezuela, entre tribos aruaques e caribes das Guianas, os Jívaro e Aguarana do Equador, os Esmeraldas, Manabi e Guaya; no Amazonas: os Cayuixana, os Tucuna, os Tchamicuro, os Catauixi, os Manao, os Caripuna, os Amahuaca, os Conibo e os Passé; no Brasil Central os Carajá, em Minas os Puri, Coroados e Goitacá; no sul os Guaianá, Mbayá e Chaná.

Sepultamentos secundários: os Goajiro nas fronteiras da Venezuela e Colômbia; no Equador: Canelos, Andoas, Cadoxi, Roamainas; também os Atures ao norte do Amazonas, os Rucuyennes e no Brasil Central os Carajá e os Camacã da Bahia.

B. TIPOLOGIA DAS URNAS

O que se fêz até agora foi recolher e analisar o material disponível sobre os enterros em urnas dos Tupi-Guarani e de algumas outras tribos vizinhas. Tratava-se de fontes quer arqueológicas, quer históricas. Nesta segunda parte faz-se mister ir mais além e ajuntar também o material que

se acha em museus, do qual pouca notícia se tem na literatura. O resultado de tal pesquisa mostra que o sepultamento em igaçabas vem, de uma ou outra maneira, documentado para 25 grupos ou tribos da grande família tupi-guarani, também denominado tronco lingüístico tupi por A. Dall'Igna Rodrigues (1964). Êsses 25 grupos, que nem sequer perfazem um quarto dos cento e mais nomes conhecidos da grande família tupi-guarani, já contam êles mesmos designações bastante vagas como "Tupi", "Bugres dos Campos", que devem ser tomados com muita ressalva, sem falar da documentação que varia muito em seu valor e diversidade. Eis os 25 grupos em ordem alfabética: Aicauá, Arupaí, Caiuá, Bugres dos Campos (Bischoff 1887: 184-187) e Carijó, todos dispondo de informações muito precárias; a seguir os Chané e Chiriguano, muito bem documentados principalmente pela arqueologia; para os Cocama, Cocamilla, Curuaia e Guaianá há poucos informes e quase só de cronistas; documentação mais segura e abundante temos sôbre os Guarani; os restantes nomes, ou são vagos como os "Tupi", ou pecam pela escassez dos documentos ou imprecisão dos informadores. Ei-los: Guarayu, Iuruna, Maué, Mundurucu, Oiampi, Omagua, Pauserna, Tucuniapé, "Tupi", Tupinambá, Tupiniquim, Wayoro e Xipaia.

Não menos importantes são também os desenhos e fotografias de urnas. Os cronistas Hans Staden e André Thevet nos deixaram algumas figuras da cerâmica usada pelos Tupinambá do Litoral Brasileiro do século XVI que, porém, não pode sem mais nem menos ser tomada como cerâmica funerária, ainda mais que Staden não conheceu os enterramentos em igaçabas entre aquêles índios. Só mesmo os Chané-Chiriguano e os Guarani fornecem dados e elementos suficientes para se estabelecer uma tipologia mais ou menos boa das urnas funerárias.

O *material* empregado na confecção das igaçabas é o barro ou argila cozida. Isto consta claramente tanto de dados arqueológicos como de fontes históricas: "Tonkrug", "Gefässe von halb verbranntem Ton", "urnas funerárias de argila cozida", "vaso de barro", "tina de barro", "igaçaba ou talha de barro". etc. Para preparar a massa e torná-la mais amoldável valem-se os índios de cinzas de certas árvores ou mesmo cacos esfarelados como tempêro.

A indústria cerâmica ficava geralmente a cargo das mulheres. O *processo de trabalho* foi sempre muito simples e primitivo, já descrito pelo lansquenete alemão Hans Staden no século XVI: preparam massa de argila, de que fazem os vasos como querem. Deixam-nos secar por algum tempo, ao ar livre certamente. Sabem pintá-los com gosto. Para queimá-los, colocam-nos de bôca para baixo sôbre pedras, ajuntam-lhes cascas de árvores e fazem fogo. As peças se tornam quentes como ferro em brasa. Havia também para isso fogões cavados na terra. Na armação das paredes das vasilhas era muito difundida a técnica dos rolos ou cordões de barro mole que se vão superpondo uns aos outros. Às vêzes fazia-se tudo de um único

rôlo de argila em linha helicoidal ou espiral. O fundo das igaçabas podia também ser formado enrolando-se as tiras de barro fresco em tórno de uma pedra cônica.

O polimento se realizava por meio de alguma pedra lisa de uso manual. Os cronistas citam uma espécie de verniz, solução de goma ou resina natural, misturada com argila e pigmento colorante, com que os silvícolas banhavam suas peças cerâmicas por fora e por dentro, tornando-as mais resistentes e mais belas. Esse processo, conhecido modernamente pelo nome de "engobo", é ainda hoje praticado por populações caboclas do Brasil Meridional.

Quanto ao *tamanho* e *forma* das urnas funerárias, há muita variedade. Dos cronistas temos apenas descrições muito generalizadas, dizendo que eram grandes: "grand vase de terre", "unas ollas grandes", mas também "tinajilla". E os autores recentes conservaram infelizmente a mesma terminologia imprecisa. Melhores informes fornece-nos a Arqueologia. De maneira geral pode se afirmar que as igaçabas têm uma altura que vai de 40 cm. até pouco mais de um metro; largura máxima: 45 cm. até quase um metro no diâmetro; abertura da boca (diâmetro): 30 a 60 cm. Tamanha diferença se explica naturalmente pelo fato mesmo de as urnas serem empregadas para sepultamentos ora primários ou secundários, ora de adultos ou crianças. Respeito à forma e aparência exterior das urnas temos os desenhos de Thevet e Hans Staden, muito importantes por serem do século XVI. Já aí se podem distinguir vários tipos de vasos. Dos etnógrafos mais novos só nos chegou às mãos uma informação de A. Thouar na revista *Globus* (vol. 48 (1885): 37), onde vem desenhada uma grande igaçaba dos Chiriguano de Aguirenda na Bolívia. É, pois, dos dados arqueológicos e da cerâmica funerária tupi-guarani conservada nos museus que nos temos de valer para tentar uma classificação tipológica das igaçabas.

Passando por cima de alguns pormenores de umas poucas peças cuja inclusão em esquemas oferecem maior dificuldade, conseguimos classificar as urnas dos Tupi-Guarani nos seguintes 4 grupos, conforme sua forma exterior:

1) urnas em forma de bacia ou tina; 2) peças em forma de dois cones truncados, unidos pela base, arredondadas, o fundo meio afilado; 3) em forma de panela ou botija ampla; 4) urnas semi-ovais ou em forma de baciuzinha.

A considerar há ainda algumas partes das urnas. O pescoço é, regra geral, curto e a parte inferior afilada. A falta de asas na cerâmica tupi-guarani é tida como característica desta cultura. As igaçabas dos Chané e Chiriguano levam umas pequenas asas, mas, como se sabe, isto se atribui a influxos de fora, das culturas andinas provavelmente.

Peça inseparável das urnas nos sepultamentos era a tampa. Os cronistas Figueroa, Thevet, Maroni e Jaboatão dão a entender que os indígenas

punham grande empenho em tampar a igaçaba ou em cobrir o rosto do defunto. Aliás, excavações em diversas regiões da América têm demonstrado que este costume remonta fundo na história dos ameríndios. Muito significativo neste sentido é o desenho de Thevet (1953: 98) de um sepultamento tupinambá, em que a tampa da igaçaba aparece mais realçada que esta mesma, levando a comentarista S. Lussagnet a um erro de observação (vide a nota de rodapé do lugar citado). Os poucos desenhos de tampas de que dispomos, apresentam-nos tipos variados: forma de terrina para os Chiriguano, um tanto alta e arredondada, às vezes meio achatada em cima; de uma pequena bacia entre os Tupinambá e de uma tigela entre os Guarani. As fontes escritas não se preocupam em dizer se as tampas são encaixadas nas urnas por fora ou por dentro. Figuras de igaçabas guaranis mostram tampas debruçadas por fora. Geralmente são menores que as urnas, mas há casos entre os Chiriguano em que têm quase o mesmo tamanho da urna.

De grande importância para a classificação das igaçabas é a *ornamentação*. Na classificação de Gordon R. Willey (Handbook, V: 151) pertence a cerâmica tupi-guarani à "área da cerâmica simples" de um lado, e já tanto "controlada" de outro. Realmente se observa na arte oleira dos Tupi-Guarani certa insegurança de perfeição: ora topamos com peças muito bem trabalhadas e de admirável gosto artístico, ora com peças muito primitivas, feitas com muito desleixo. No concernente às urnas funerárias em particular cumpre reconhecer que, no mais das vezes, faltam informes sobre sua ornamentação. Assim não sabemos se e como eram decorados os vasos dos Caiuá, "Bugres dos Campos", Carijó, Cocama, Cocamilla, Curuaia, Guaianá, Guarayu, Iuruna, Maué, Mundurucu, Oiampi, Omagua, Pauserna, Tucuniapé, Tupiniquim, Wayoro e Xipaia. A cor básica era a da própria argila, geralmente vermelha. Ou se dava uma cor branca (ou pardacenta) de fundo sobre a qual se traçavam figuras em preto ou vermelho, este último decaindo facilmente para o marron. Policromia é mais rara.

Bastante característico das urnas guarani é o "ornamento em zonas" junto ao gargalo ou rebordo. Muitos autores chegaram mesmo a considerar esta espécie de adorno como típica dos Guarani (Torres 1911: 573). Sabe-se, porém, que esta decoração se acha muito difundida em diversas partes do Novo Mundo, sendo, pois, de melhor aviso esperar que estudos mais especializados mostrem primeiro suas áreas de expansão na América do Sul. Interessante é que os Tupi-Guarani não se tenham inspirado na flora e na fauna para motivos de ornamentação das igaçabas ou mesmo de sua cerâmica em geral. Seus desenhos reduzem-se praticamente a linhas geométricas meio estilizadas, gregas, meandros. Vários autores quiseram ver nessas linhas formas estilizadas de animais, aves ou plantas, outros vão mais além, descobrindo aí amuletos e feitiços que protegeriam

os corpos ou ossos dos mortos contra demônios e maus espíritos. No caso dos Tupi-Guarani torna-se esta hipótese muito pouco provável, porquanto as igaçabas não eram feitas propriamente para uso funerário, mas, sim, doméstico.

Por fim uma palavra sobre o *corrugado*, uma espécie de ornamentação muito característica da cerâmica tupi-guarani ou, mais exatamente, guarani. Há várias maneiras de denominar este tipo de decoração: *finger-print-ornamentation*, *finger-nail impressions*, *thumbmarked*, *corrugated pottery* em inglês; *impressions digitales*, *armadille*, *armure* em francês; *Finger- oder Nageleindrucksornamente* em alemão. Em português se diz *corrugado*, *impressões dígito-unguiculadas*, *impressões digitais*, *imbricado*, quando as depressões se sobrepõem umas às outras à guisa de telhados ou escamas de peixe. O *corrugado*, que poderá ter surgido de uma finalidade muito prática de juntar entre si os rolos de argila fresca ou de conferir ao vaso maior aspereza nas paredes, consiste em apertar com a ponta do dedo (polegar) a massa de barro ainda mole antes de a peça estar seca ou ir ao forno. Embora muito freqüente na cerâmica guarani, tal tipo de decoração se revela muito difundido pelos mais diversos povos e regiões do Continente Americano. Seria, pois, afirmar demais querer com Métraux (1928: 247) supor o *corrugado* tenha sido invenção guarani.

Tentame de uma classificação tipológica

Apoiando-se na forma, na técnica de fabricação e na decoração experimentou Luís M. Torres (1911: 392 ss.) uma tipologia das urnas funerárias da Bacia do Paraná, classificando-as em três tipos:

- Tipo X* — “Formas globosa, subglobosa, cilíndrica y derivadas con boca y base amplias... tamaño considerable... factura grosera... sin grabados ni pintura... ligera cocción al aire libre.”
- Tipo Y* — “Formas algo más abiertas, de base cónica y boca relativamente más estrecha que la región ventral... tamaño menor que las del tipo X... tapa de forma parecida.”
- Tipo Z* — “. . . de formas derivadas de la última, pero, más perfectas, de otros caracteres y proporciones. Con o sin tapa, pintadas y grabadas” (p. 393).

Trata-se, é evidente, de uma classificação muito genérica abrangendo enorme região sem consideração de populações ou áreas culturais a que pertencessem as peças. Vários fatores dificultam sobremaneira uma classificação das urnas tupi-guarani: a datação imprecisa dos achados arqueológicos, a filiação duvidosa das urnas a um grupo determinado dos Tupi-Guarani, a grande expansão migratória desses índios e os inumeráveis influxos que receberam e assimilaram de outros povos. Além disso, variam sumamente as igaçabas entre si, já que não conheciam eles modelos ou

fôrmas nem na fabricação nem na decoração. Tomando simplesmente por base o *tamanho das urnas*, damos com dois grandes grupos:

1) — Grandes urnas para sepultamento primário de adulto

Altura: 41 até pouco mais de 100 cm.

Largura: 44 até 100 cm. aproximadamente.

Abertura: 37 até 59 cm.

Tribos: Caiuá, Carijó, Chané, Chiriguano, Cocama, Cocamilla, Guaianá, Guarani, Guarayu, Omagua, Pauserna, "Tupi", Tupinambá e Tupiniquim, portanto de considerável representação no sul.

2) — Urnas menores para enterros secundários em geral ou primários de crianças. Faltam medidas de altura, largura ou abertura.

Tribos: Cocama, Cocamilla, Oiampi, Omágua, Aicauá, Arupaí, Curuaia, Iuruna, Mundurucu, Tucuniapé, Wayoro, Xipaia, Guarani e "Bugres dos Campos", de representação no norte, centro e sul.

Dever-se-ia agora tomar em separado os vários tipos segundo a forma exterior, a ornamentação e a filiação cultural. Para não nos alongarmos muito, passamos a expô-los de uma só vez e num único esquema.

Tipo I

Forma : terrina ou tina.

Tampa : uma pequena bacia colocada de boca para baixo sobre a urna.

Adorno: lisa, sem pintura.

Tribos : os Tupinambá da costa meridional. Pode ser denominado 'Tipo Tupinambá'. Não fôra sua pobre documentação (conhecido apenas pelos desenhos de Thévet), seríamos tentados a ver nêle o tipo mais antigo das igaçabas tupi-guarani: simples, tôsko, primitivo.

Tipo II

Forma : urnas em forma de dois cones truncados, unidos pela base, arredondados, o fundo meio afilado.

Tampa : parecida com uma tijela de boca para baixo.

Adorno: ora completamente lisas, ora com ornamento em zonas, ora corrugado.

Tribos : é um tipo muito característico dos Guarani, sobretudo por causa dos motivos ornamentais: o corrugado feito com a ponta do polegar.

Tipo III

Forma : em forma de panela e botija ampla.

Tampa : de vários tamanhos e formas: semioval, terrina, panela, etc.

Adorno: corrugado nas bordas externas e internas tanto da urna como da tampa.

Tribos : muito difundido entre os Chané e Chiriguano; as peças revelam-se muito perfeitas, notando-se influxos de fora (das culturas andinas ou dos Aruaque): asas, ornamentação nodulada.

Tipo IV

Forma : semi-oval ou em forma de uma baciazinha.

Tampa : variando entre bacia, panela e terrina.

Adorno: algumas peças completamente lisas; corrugado na borda da tampa.

Tribos : Chané, Chiriguano e Guarani.

Terminando, cumpre acentuar mais uma vez que a classificação acima apresentada não passa de mero tentame sem nenhum caráter de definitivo ou exaustivo. Para uma tipologia mais acabada faltam muitos e muitos dados, não só das urnas de sepultamentos secundários, mas também das próprias igaçabas maiores, cujos tipos são um pouco melhor conhecidos somente entre os Guarani. Mingam sobretudo dados mais pormenorizados das urnas funerárias dos grupos tupi-guarani setentrionais como sejam os Cocama, Cocamilla e Omagua. Também no sul seria interessante ter mais informações sobre as urnas das tribos não-guarani.

C. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-CULTURAIS

As formas de sepultamento não se prendem necessariamente a tradições e costumes rigorosos ou a instituições sociais mais ou menos conscientes. Na maior parte dos povos, máxime entre os de civilização mais avançada, é antes uma questão de classe e de moda, pouco se distinguindo de certas etiquetas e exigências do meio social. Não convém, pois, insistir muito em atribuir aos ritos fúnebres motivos rebuscados em torno de mitismos, magismos, simbolismos e quejandas concepções extraordinárias. Parece-nos inteiramente supérfluo vir a campo para justificar esta terceira parte de nossa pesquisa. E' óbvio que se não pode falar de verdadeira ciência se, ao acervo de dados colhidos, não forem aplicados os princípios de comparação e interpretação. Serão, pois, tratados em três capítulos os problemas principais em torno do complexo cultural dos enterros em urnas dos Tupi-Guarani.

I. Podem os sepultamentos em urnas em geral, ou uma de suas modalidades (primário, secundário), ser tidos como elemento típico da cultura tupi-guarani?

À exceção de W. Schmidt (1913: 1081), que quis ver os enterros secundários em urnas um sinal característico da cultura tupi-guarani, pensavam os estudiosos mais antigos, como von Martius e Brinton, em parte também Ehrenreich, Hermann von Ihering e Boman, que os sepultamentos primários poderiam ser considerados de algum modo típicos dos Tupi-Guarani. Com Torres (1911: 390-405), porém, esboça-se a maneira exata de encarar o problema, começando pela distinção entre dados arqueológicos e fontes históricas. Concluiu que nem tôdas as urnas desenterradas deveriam ser atribuídas aos Tupi-Guarani e que menos ainda se deveriam considerar os enterros primários como exclusivos dêles, enquanto aos Nu-Aruaque se filiassem os secundários: "En cuanto á si todas han pertenecido á pueblos de origen Tupi-guaraní no puede afirmarse con documentos fedehacientes. Tampoco sería exacto que á los pueblos recordados pertenece, exclusivamente, el sistema de inhumación directa en grandes urnas, y que á los otros pueblos, llamados Nu-aruaq, el de la inhumación indirecta en urnas análogas, después de pintar los huesos con ocre" (Torres 1911: 404).

Em 1913 já se pronunciara Nordenskiöld (o. c., p. 249 ss.) contra a filiação guarani de certas urnas descobertas e estudadas por Eric Boman. Também o critério dêste, segundo o qual urnas sem pintura deveriam pertencer aos Guaranis e as pintadas aos Aruaques, revelava-se fraco e sem consistência. Nem mesmo a decoração "corrugada" (Fingereindrucksornament) era elemento exclusivo da cultura guarani. Sobre a difusão dos sepultamentos em urnas na América temos um trabalho importante de Ricardo E. Latcham (1915: 225-245). As pesquisas arqueológicas indicam que o costume era conhecido não só na América do Sul, mas também na do Norte: Ilhas Caribes, México e Estados Unidos. A isso ajunto que, numa breve pesquisa na literatura, encontrei informes arqueológicos de urnas funerárias no Canadá, na Europa, África, no Japão e que, últimamente, muito material está sendo descoberto nas Filipinas. Mais tarde afirmará Nordenskiöld que nem mesmo os enterros primários poderão ser tomados como típicos dos Tupi-Guarani: "It follows from that I have said that it is not correct to describe urn-burial of adults as typical of the Tupi-Guarani Indians in particular" (Nordenskiöld 1920: 189). Aí notamos a expressão "in particular", que corresponde ao "particulièrement" de Métraux (1928: 273), introduzindo uma restrição bastante significativa: tais tipos de sepultamento podem ser característicos dos Tupi-Guarani, não, porém, de maneira absoluta ou exclusiva.

Do acima considerado vê-se que a causa de muitos equívocos na formulação do problema dos sepultamentos em urnas dos Tupi-Guarani provém de uma terminologia um tanto imprecisa. Sobretudo no método histórico-cultural entra facilmente muito subjetivismo na apreciação do que seja típico e característico. E' procurando atalhar a tais tropeços que resolvemos esclarecer e estabelecer o seguinte:

Típico ou *característico* de maneira geral é o sobressair de um ou mais elementos em um portador. Para isto são arrolados vários critérios como os de forma, quantidade e qualidade. Não é nada fácil, na linguagem corrente, precisar até onde e como tais critérios se interpenetram e se deixam influenciar mutuamente. Em Etnologia chamamos “típico” ou “característico” a um ou mais aspectos e seus sinais caracterizantes que distinguem a indivíduos, povos, grupos populacionais ou culturas entre si ou de outros. Quando o elemento considerado se revela de tal maneira próprio de um grupo ou cultura que não se encontra em nenhum outro (dentro duma vasta região, por exemplo), então teríamos um elemento típico e característico em sentido exclusivo. Não menos importante é saber se o elemento considerado se mostra típico por si mesmo ou no conjunto de outras características.

Tupi-Guarani “sensu lato” compreende os aborígenes sul-americanos que, através de documentação histórica, vêm arrolados no grande tronco lingüístico tupi. Trata-se de umas 112 tribos que, de um modo ou doutro, são assim denominadas embora culturalmente devessem ser agrupadas de outra maneira. Em sentido mais restrito, sempre dentro do âmbito da presente pesquisa, denominamos Tupi-Guarani principalmente os grupos amazônicos dos Cocama, Cocamilla e Omagua, os Tupinambá da Costa e os Guarani do Rio Paraná. Os Tupinambá do Sul, mas sobretudo os Guarani, poderiam ser talvez considerados como os Tupi-Guarani por excelência “sensu strictissimo”. Dêles tem-se à disposição opulenta literatura e parece que conservaram, pelo menos até o tempo das Descobertas, os elementos mais antigos e originais de sua cultura primeva.

Dados os esclarecimentos acima, podemos sem mais afirmar: no que toca aos Tupi-Guarani tomados em sentido lato, de forma alguma se hão de ter os enterramentos em urnas como patrimônio comum de sua cultura, pelo fato mesmo de que, entre os cento e tantos grupos até hoje conhecidos, apenas 25 praticaram ou praticam o costume em questão, isto sem levar em conta os testemunhos na maioria dos casos muito pouco convincentes da documentação. Sepultamentos primários constam para os Caiuá, Carijó, Chané, Chiriguano, Cocama, Cocamilla, Guaianá, Guarani, Guarayu, Omagua, Pauserna, “Tupi”, Tupiniquim e Wayoro — apenas 15 grupos ou tribos. Formas de enterros secundários encontramos nos Aicauá, Arupaí, “Bugres dos Campos”, Cocama, Curuaia, Guarani (arqueologia), Iuruna, Mundurucu, Oiampi, Omagua, Tucuniapé, (“Tupi”?) e Xipaia¹. Conseqüentemente nem os enterramentos primários nem os secundários são elemento típico da cultura tupi-guarani como um todo.

Tomando-se entretanto os Tupi-Guarani em sentido mais restrito, sobretudo em se tratando dos Guarani e Tupinambá meridionais, poder-se-ia atribuir-lhes como elemento característico de sua cultura o entêrro primário em urnas, naturalmente que não de maneira exclusiva. Foi talvez o fato

de os Guarani praticarem êste costume com tanta intensidade e regularidade que levou alguns etnólogos a tê-lo como característico de todos os Tupi-Guarani. O máximo que se poderia dizer é que constituem os enterros em urnas um dos bons elementos que, no conjunto de outros, servem para caracterizar esta cultura.

II. Origem e difusão dos enterros em urnas dos Tupi-Guarani

Teorias simplistas como a de Torres (1911: 551 ss.) pretendem ver nas manifestações cerâmicas e seus usos processos evolucionistas que se teriam estendido sem dificuldades por todo o vasto Continente Sul-Americano. Outros acham (W. Schmidt 1913: 1109; Nordenskiöld 1920: 184) que os sepultamentos em urnas sejam elemento de fora, de origem andina. Ingente dificuldade para apurar qualquer coisa de positivo neste sentido é o pouco conhecimento que temos da pré-história dos Tupi-Guarani. Os informes arqueológicos são de data recente e as fontes históricas remontam apenas ao século XVI. Tome-se em conta a extensíssima área de expansão dêstes índios e mais suas inúmeras migrações pelas mais variadas regiões do Continente, e se verá quão penoso se torna averiguar até onde e como um elemento cultural lhes poderá ser atribuído como próprio, ou não. Considerando ainda que, segundo os estudos de Aryon Dall'Igna Rodrigues (1964: 103), o tronco lingüístico tupi-guarani conta uns 5.000 anos, logo se dá conta da grande lacuna de tempo entre as informações seguras de que dispomos sôbre a cultura tupi-guarani e seus primórdios.

Do material por nós trabalhado não consegue a hipótese das origens andinas das urnas esclarecer os casos dos sepultamentos entre os Tupi do Alto Amazonas. Ficaria sem explicação satisfatória o uso intenso e frequente das igaçabas entre os grupos da Costa Atlântica e do Rio Paraná. Contra a hipótese fala também a comparação da cerâmica do oeste (Andes, Amazonas, Candelária e Diaguíta) com as urnas tupi-guarani. Estamos mais propensos a ver nas igaçabas uma descoberta muito natural pela qual vinham os Tupi-Guarani ao encontro de um desejo muito justificável de dar aos mortos um sepultamento digno e respeitoso. Favorecido pelo próprio ambiente natural, o costume representava uma maneira muito prática de preservar os cadáveres duma destruição imediata e rápida entre povos primitivos que não dispunham de outros meios, como caixões de madeira ou câmaras funerárias de alvenaria. Talvez a praxe tenha começado com as crianças, mais facilmente metidas nas grandes igaçabas, estendendo-se depois aos adultos. Seja como fôr, observando-se a distribuição geográfica do costume na área tupi-guarani, nota-se que a prática se vai esvaindo à medida que os Tupi-Guarani se afastam de seu suposto ponto de origem ou dispersão, na bacia fluvial do Alto Paraná. Mais ainda, os Guarani, por se terem conservado em população mais densa e compacta — com

maior probabilidade, portanto, de serem guardiães das velhas tradições —, teriam mantido melhor do que outros os enterros primários.

Confrontando-se, pois, a difusão dos enterros em urnas com os conhecidos movimentos migratórios dos Tupi-Guarani, poder-se-ia tentar reconstruir a evolução de ambas as ocorrências do seguinte modo: das zonas fronteiriças da Bolívia, do Paraguai e do Brasil partiram êsses índios em diversas direções; enquanto alguns grupos menos numerosos se dirigiam para o noroeste através do Rio Madeira até o Alto Amazonas, rumou a grande massa para o sul, dispersando-se orgânicamente pela bacia do Paraná até o Atlântico. Nesta região temos os casos mais numerosos dos enterramentos primários, ao passo que, no norte, escasseiam sempre mais as evidências, vindo mesmo a desaparecer por completo no Nordeste Brasileiro.

III. Que idéias ou motivações levaram os Tupi-Guarani à prática dos sepultamentos em urnas?

Trata-se agora do problema da interpretação. Pouco antes já foi ventilada por alto esta questão, quando procuramos ver nas igaçabas antes um recurso com que os índios, dentro das possibilidades do meio ambiente, resolveram o problema de dar aos falecidos um sepultamento digno e respeitoso. Para corroborar esta asserção, iremos ainda um pouco além, alegando outros motivos quer de caráter meramente funcional, quer de espiritual e religioso. Pelos autores são apresentados 5 motivos principais:

1) Para evitar o contacto do corpo com a terra. Êste motivo é certamente o mais comum, encontradiço em quase todos os povos. Por uma atitude de respeito e piedade, não se deseja ver o cadáver do ente querido esmagado pelo contacto direto da terra. Possivelmente foi êste um dos motivos principais por que os Tupi-Guarani enterravam em urnas tampadas, já mencionado em Thévet, Cardim e Nicolás del Techo.

2) Proteção contra animais vorazes. Partilhada apenas por G. von Koenigswald (1908: 381), esta explicação se apóia em observação do próprio informante. Aliás coincide com a motivação anterior.

3) Destêrro da alma ou espírito do defunto. No que toca aos Tupi-nambá, aparece esta como a motivação mais bem documentada pelos cronistas: "...de peur (disent-ils) qu'ils reviennent s'estant desliez" (Thevet 1953: 97); mais alusões indiretas a êste pensamento se lêem em Frei Vicente do Salvador, Jaboatão, Figueroa, Cardim, Maroni, Montoya e Techo. Muito significativa era a preocupação ou o cuidado que os índios tinham em tampar a igaçaba ou, pelo menos, cobrir o rosto do morto com uma cuia. Fica, todavia, por ora suspenso o problema se se pode ou não entender êste motivo a todo o grupo tupi-guarani.

4) Proteção do morto contra os maus espíritos. Esta motivação constitui desdobramento da anterior. As igaçabas exerceriam função dupla: de

um lado prenderiam a alma do defunto, de outro impediriam que espíritos malignos de fora perturbassem seu repouso. De todos os autores, ao que nos consta, parece ter sido Karsten (1916: 36) o único a esposar esta opinião ao falar de maneira geral sobre os indígenas sul-americanos. E foi mais além, querendo ver nos desenhos decorativos da arte índia nada mais que amuletos ou símbolos mágicos (pp. 210, 216). Respeito aos Tupi-Guarani não resta dúvida que seu mundo espiritual andava referto de concepções mágicas em torno do problema de além-túmulo, de feitiçarias e toda sorte de espíritos maus sempre prontos a prejudicar os vivos e mortos, mas combinar tudo isso com os enterros de igaçabas e seus adornos, seria avançar demais, já que a literatura não nos fornece base para tanto.

5) Para facilitar o renascimento. Como no parágrafo precedente, é também aqui Rafael Karsten o único a aventar tal idéia. Realmente a fé numa reencarnação ou renascimento dos mortos preocupou outrora os Tupi-Guarani em geral e preocupa ainda em nossos dias uma parte dos Guarani (Egon Schaden 1954: 128-136). Sua mitologia revela-se rica em exemplos de aparições dos antepassados e transformações, não somente de seres humanos, mas também de plantas e animais. Merece menção, outrossim, o fato de o defunto ser metido na urna, amarrado e de cócoras, como saiu do ventre materno. Fala-se também da preferência da cor vermelha tanto para pintar as igaçabas como para os ossos nelas guardados. Tudo, porém, tem de permanecer, por ora, no campo de hipóteses, pois as fontes não permitem conclusão positiva.

Resumindo todo êste capítulo de interpretação, chega-se apenas ao seguinte resultado: testemunhos dos cronistas Soares de Sousa, Cardim, Thevet e Techo concordam com as opiniões de autores recentes em que o fim principal ou imediato das urnas era proteger o cadáver do defunto contra o contacto direto com a terra. Mais não dizem as fontes, nem mesmo se se tratava de um sinal de respeito para com o morto. Os motivos sobrenaturais, não possam, embora ser simplesmente excluídos, não encontram apoio em argumentos diretos, ficando, portanto, como meras hipóteses.

Conclusões finais

Previa-se de antemão que nossa pesquisa não poderia apresentar respostas definitivas aos problemas em torno das igaçabas tupi-guarani, principalmente porque as fontes e o material disponível não remontam muito além da descoberta do Nôvo Mundo. O presente trabalho mostra a complexidade do problema dos enterramentos em urnas, que não pode ainda ser discutido satisfatoriamente, embora a literatura sobre o assunto seja sumamente rica, pelo menos em quantidade.

Os resultados a que se chegou, foram em parte, por assim dizer, mais negativos que positivos. Que os enterros em urnas não deverão, sem as devidas distinções, ser tomados como elemento típico da Cultura Tupi-Guarani, menos ainda em dadas formas específicas, como os sepultamentos secundários. Baseando-se no tamanho, na aparência externa e na decoração das igaçabas, consegue-se provisoriamente determinar três tipos principais de urnas bastante característicos dos Tupi-Guarani meridionais: Chané-Chiriguano, Guarani e Tupinambá.

A distribuição das urnas funerárias no âmbito geográfico dos Tupi-Guarani parece confirmar a opinião tradicional de que o centro de irradiação original desses índios foi provavelmente a zona fronteiriça entre a Bolívia, o Paraguai e o Brasil. Não se pode provar que o costume tenha sido herdado de outros povos. Pelo contrário, tendo em vista que os Guarani o praticaram tão intensamente, preferimos admitir tratar-se de tradição antiqüíssima comum a toda a grande família tupi-guarani, conhecida já antes de terem iniciado suas dispersões migratórias.

NOTA

1) Seguem em ordem alfabética os nomes de grupos tupi-guarani para os quais não consta que tenham conhecido sepultamentos em urnas: Amniapé, Amoipira, Anambé, Apama, Apanto, Apapocuva, Apiacá, Apigapigtanga, Araboiara, Ararape, Aracaju, Araras, Aré, Ariquém, Aruá, Auetó, Avakukuai, Avachiripa, Bôca Negra, Caeté, Caiabi, Calyoua, Camaiurá, (Canoeiros), Canoé, (Caripuna), Caririana, Cavaíbas, Cheiru, Digiit, Emerillon, Guaiiqui, Guaja, Guajajara, Guakuara, Guaracaio, Guaiapi, Jacundá, Jurimágua, Kepkiriwat, Makurape, Makiri, Manaié, Manajó, Manitsaua, (Mbiá), Mequém, Miranha, Mondé, Muriapigtanga, Naimiguara, Ntogapid, Oguaiva, Paiguaçu, Parajá, Prariana, Parintintim, Pauxi, Pawaté, Potiguara, Sanamaikã, Sirionó, Tabajara, Tamoios, Tañyguá, Tapanhoangukum, Tapanhuma, Tapieté, Tapiná, Tapirapé, Tapirauha, Tembé, Temiminó, Timaona, Tupari, Turiuara, Uaraguaçu, Urubu, Urucu, Urumi, Viatã, Warategaya, Wirafed, Xibitaona, Yvytyiguá.

LITERATURA

A vintena de obras aqui citadas dá apenas uma ligeira amostra da bibliografia do original alemão, que contém 440 títulos, além de mais 67 revistas.

Bischoff, Theodor

1887 — Über die Sambaquys in der Provinz Rio Grande do Sul (Br.). Zeitschrift für Ethnologie, XIX, pp. 176-198. Berlin.

Boglár, Lajos

1958 — Urn Burial of the Brazilian Indians. Sep.: Acta Ethnographica Academiae Scientiarum Hungaricae, Tomus VI, Fasc. 3-4, pp. 345-355. Budapest.

1959 — Some Notes to Burial Forms of the Brazilian Indians Sep.: Opuscula Ethnologica Memoriae Ludovici Biró Sacra, pp. 159-163. Budapest.

Boman, Eric

- 1908 — *Antiquités de la région andine de la République Argentine et du désert d'Atacama*. Paris.

Bullock, Dillman S.

- 1955 — Urnas Funerarias Prehistóricas de la Región de Angol. Reimpresión del Boletín del Museo Nac. de Hist. Nat., Tomo XXVI, n.º 5, pp. 73-157. Santiago, Chile.

César, José V.

- 1964 — Igaçaba. Völkerkundliche Abhandlungen. Band I. Niedersächsisches Landesmuseum. Abteilung für Völkerkunde. Hannover.

Handbook of South American Indians

- 1949 — V — The Comparative Ethnology of South American Indians. Washington.

Hopp, Werner

- 1958 — *Sterben — wenn nötig, töten — nie*. Berlin.

Karsten, Rafael

- 1916 — Der Ursprung der indianischen Verzierung in Südamerika. Zeitschrift für Ethnologie, XLVIII, pp. 155-216. Berlin.

Koenigswald, Gustav von

- 1908 — Die Cayuás. Globus, XCIII, pp. 376-381.

Latcham, Ricardo E.

- 1915 — *Costumbres Mortuarias de los Indios de Chile y otras partes de América*. Santiago-Valparaíso.

Métraux, Alfred

- 1928 — *La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-Guarani*. Paris.

Nordenskiöld, Erland Frhr. von

- 1913 — Urnengräber und Mounds im Bolivianischen Flachlande. Baessler-Archiv, III, Heft 5, pp. 205-255. Leipzig und Berlin.
1920 — *The Changes in the Material Culture of two Indian Tribes under the Influence of New Surroundings*. Göteborg.

Ott, Carlos F.

- 1944 — Contribuição à Arqueologia Baiana. Boletim do Museu Nacional, N. S., Antrop. 5. Rio de Janeiro.
1958 — *Pré-História da Bahia*. Bahia.

Preuss, Theodor

- 1894 — *Die Begräbnisarten der Amerikaner und Nordostasiaten*. Königsberg.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna

- 1964 — A classificação do tronco lingüístico Tupí. Rev. de Antropologia, XII, n.ºs 1 e 2 (junho e dezembro) pp. 99-104. São Paulo.

Schaden, Egon

- 1954 — *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo.

Schmidt, Pater Wilhelm

- 1913 — Kulturkreise und Kulturschichten in Südamerika. Zeitschrift für Ethnologie, XLV, pp. 1014-1124. Berlin.

Stöhr, Waldemar

1959 — *Das Totenritual der Dajak*. *Ethnologica*, N. F., I. Köln.

Tessmann, Günter

1930 — *Die Indianer Nordost-Perus*. Hamburg.

Thevet, Frei André

1953 — *Le Brésil et les Brésiliens*. Paris.

Torres, Luís Maria

1911 — *Los Primitivos Habitantes del Delta del Paraná*. Biblioteca Centenaria, V. Buenos Aires.

Vasconcellos, Simão de

1865 — *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, etc. Lisboa.